

A PINTURA DE RICARDO PAULA

Esta exposição de Ricardo Paula é uma mostra evidente do fantástico poder dos sentimentos.

Discípulo de Mestre Dourdil, se, até aqui, na sua pintura se notava a presença do Mestre, vê-se como a pouco e pouco se foi emancipando da sua presença, a caminho duma personalidade própria. Assim, apresenta-nos uma pintura de grande sensualidade onde o rigor do desenho, as cores, as sombras e o jogo das transparências exprimem os gestos, a dor e o desejo da surpreendente condição humana.

De exposição para exposição as figuras de Ricardo Paula tomam mais força e profundidade e não me admiraria que, com a ânsia de comunicabilidade que nalgumas revela, o pintor acabe por ensaiar o retrato.

É verdade que ele deixa ainda à nossa imaginação o encargo de completar o que falta naqueles corpos que denunciam amor e desejo, como se o pintor nos convidasse a terminar os seus quadros.

Ricardo Paula é mais do que uma promessa. É um pintor sobre o qual muito ouviremos falar.

Lisboa, 7-9-94

António Alcáda Baptista

No canto do quarto, a personagem pálida de vidro fosco fitava-me ali, serena, mortiça numa manhã cor de mágoa.

A culpa escorria das paredes púdicas, proibidas de falar, algo de terrível acontecera...

— «Oh Deus não a leves, a culpa não foi de ela, foi minha! Não a leves!» Mas era tarde, a minha amante da noite anterior diluía-se já na aguarela deslavada e suja da parede.

Tinha-a conhecido num bar — fatídica história de engate. Disse-me que era da província e que não tinha — sexo mas era mentira. Não se cansou de pedir desculpa durante toda a noite pela sua bizarra maneira de ser; tão inadaptada, tão ingénuo... Morreu seca, mirrada, até dela só restar um monte de pó branco para o qual supostamente terá voltado, punida por ter cometido o mais hediondo dos crimes que alguém da sua espécie pode cometer, a carne, sempre a carne...

Depositei-a numa velha cigarreira, encolhi os ombros resignado enquanto voltava para a cama: «— Não deviam deixar os anjos à solta por aí».

Nelson Quadros

Anjos são mensageiros que nos dão recados. Coisas "do outro mundo" que vão aparecendo por cá.

Anjos, por mais negros que sejam, trazem sempre luz ao assunto, mesmo que isso nos deixe nas trevas. É no momento da "revelação" que percebemos o que afinal sempre soubemos. Mas precisaremos sempre desse beijo de amor capaz de despertar memórias e sentimentos infinitamente adormecidos.

Anjos são aqueles que nos comunicam, de uma forma inevitável, tudo o que há de absoluto num momento relativo.

Anjos, somos nós. Se ainda nos lembramos de onde é que pusemos as asas.

Helena de Carvalho

Entre o que é e o que parece
está a incerteza do incerto... ou talvez não!

Porque isto de falar sobre Anjos
tem muito que se lhe diga.

Mas se a Metafísica nos confunde
talvez o pincel revele o que as palavras escondem.

Vitor Vieira

RICARDO PAULA

PINTURA

DE 4 DE ABRIL A 6 DE MAIO DE 1995



MOVIMENTO
ARTE
CONTEMPORÂNEA

OS ANJOS



Fotografia de Paulo Spranger

Um dia os Anjos deixaram de estar sós. Como se fizessem uma confissão a uma manhã de sol, ou se escondessem na penumbra, ou decidissem ir viver com a humidade de uma parede que já teve mil cores, dentro de uma cidade. E fossem assim passivamente, só com discus-

sões interiores, só a sorrir, a olhar o chão e o céu, entre esses dois limites com a alma nas mãos. A percorrer a vida como uma viagem de eléctrico, a sentir os sabores e os aromas para lá da carne, para lá da pele, muito além do ser. Como a luz de um fogo a pintar tudo pela

mão do vento, e a intensificar-se até ao fumo, até ao intocável, para se espalharem no ar, para deixarem de estar sós. Em segredo fechados no escuro onde se confessam e perdoam a si próprios só pelo prazer dos dias.

Ricardo Paula

Nasceu em Angola, a 16 de Dezembro de 1964.
Frequentou o Curso de Design Gráfico e Equipamento de
Interiores da Escola Internacional de Artistas Gráficos e
Designers do IADE.

Realizou as seguintes exposições individuais:

- 1982 - Salão da Biblioteca do Liceu de Odiveias
 - 1987 - Galeria Esadão Cidade - Lisboa
 - 1988 - Museu Municipal de Loures
 - 1992 - Galeria Arte Periférica - Massamá
 - 1993 - Galeria Mátiz - Lisboa
 - 1994 - Coisas em tamanho «S» - Loja Municipal de Loures
- Postigos - Museu Municipal de Loures
- Movimento de Arte Contemporânea
 - 1995 - Movimento de Arte Contemporânea
- Realizou as seguintes exposições colectivas:**
- 1993 - III Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de
Cerveira
 - 1984 - «A favor das vítimas das inundações de Cascais» -
Galeria de Arte do Casino do Estoril
 - 1986 - Exposição Anual do Centro Cultural de Guadalajara -
Madrid
 - 1987 - I Exposição de Artes Plásticas organizada pela
Fundação Obra do Ardina - Palácio da
Independência - Lisboa
 - 1989 - «5 Artistas Plásticos» - Câmara Municipal de
Arronches

- «Arte Contemporânea» - Paços do Concelho de
Loures
- 1990 - Salão de Artes Plásticas - Galeria Municipal da
Amadora
- Colectiva de Artes Plásticas organizada pela
Quadrante - Centro Cultural da Malaposta
- 1991 - «Mulher e o Tema» - Museu Municipal de Loures
- 1992 - Museu Municipal Santos Rocha - Figueira da Foz
- Mosteiro da Bealha
- Galeria do Grupo Opluvisão - Conde Redondo -
Lisboa
- Teatro Baltazar Dias - Funchal
- Centro Cultural da Malaposta
- «Art Exhibition» conjuntamente com Andy Warhol,
Clos e Vasarely (obra gráfica) e Karl Appel Barat -
Lisboa
- Participou na I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII Expo.
Artes Plásticas de 83 a 91
- 1993 - «Momentos de Solidariedade» - Esc. Sec. Siomara
da Costa Primo - Amadora
- «Lenda do Silêncio Bertiziano» Cooperativa de
Gravadores Portugueses
- 2.ª Salão Internacional «Pequeno Formato» - Galeria
Appla - Lisboa
- Exposição Colectiva de Pintura do Centro Cultural
de Celorico da Beira
- 1994 - 4.º Aniversário da Associação «Quadrante» na Loja
Municipal de Loures
- 2.ª Exposição «Mulher e Tema» - Casa da Cultural
de Santa Iria de Azeitão

- 2.ª Exposição de artistas publicitários - Padrão das
Descobrimentos de Lisboa
- Fórum de Santarém
- Colectiva Quadrante - Museu Municipal de Loures
- M4c, Movimento Arte Contemporânea - Lisboa
- Visão 94 Encontros Modus Arte
- Exposição Colectiva Casino Figueira da Foz
- Galeria BG Arte («Diferenças 23 artistas plásticos»)-
Viseu
- Casino da Figueira da Foz
- Colectiva Quadrante - Panóhia
- III Salão Internacional do Pequeno Formato -
Galeria Appla
- Sociedade Nacional de Belas Artes
- Companhia das Artes - Bizos
- Aclimata Studio - Lisboa
- Galeria do Club do Coleccionador no Forno Pigeos
(50 Aniversário Quadrante)

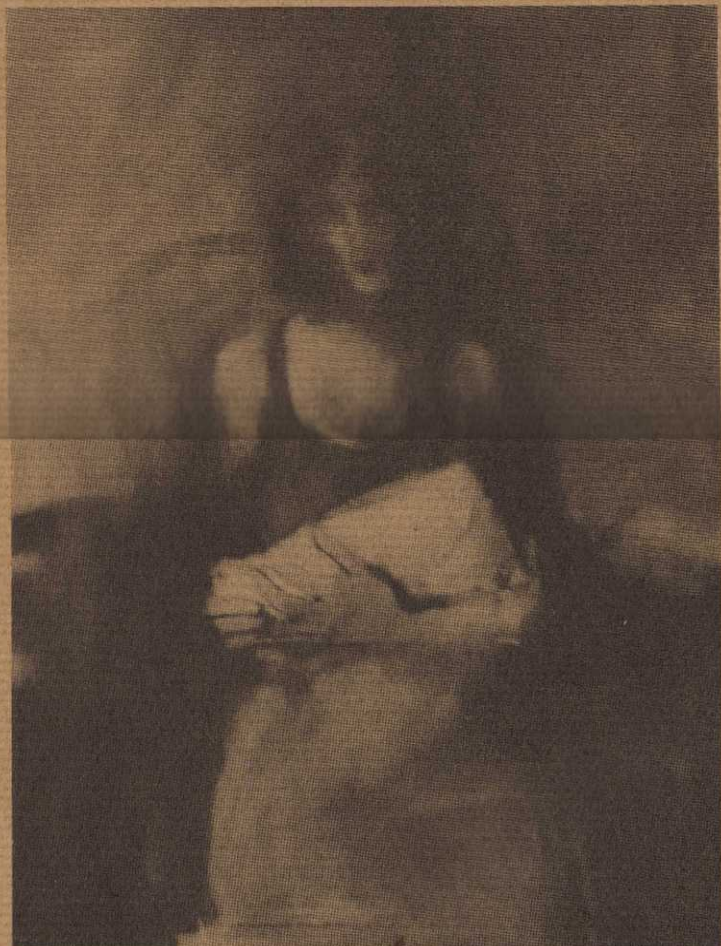
Obteve os seguintes prémios:

- 1984 - 2.º Prémio de Pintura «O Trabalho» na Exposição do
97.º Aniversário do Concelho de Loures
- 1985 - 1.º Prémio de Pintura no concurso do Ano
Internacional da Juventude da C. M. de Loures
- 1994 - Prémio pintura «Quadrante»
Está representado no Museu Municipal de Loures

Confesso que olhei os homens
Com vontade de lhes sentir o cheiro,
Confesso que lhes persegui o gesto
Num encantamento infantil
De a ele pertencer.
Confesso ter espreitado o quarto
Onde se escrevem e vivem os sonhos
E ter tocado ao de leve na alma d'alguém.
Persegui então as asas
E vim para as ruas sorrir-vos
Num desejo mortal de vos caber na forma

Confesso-me,
Por me ter perdido
Nos corredores das vossas imagens
E não conseguir sair do fundo
Dos vossos olhos.

Maria Rosa Patrício



«A NOITE»
Óleo s/tela
100 x 130

Um gesto de pudor deslocado. Entre o mar e o corpo,
entre o poder dos objectos e os olhos.
Ricardo Paula expressa um estado mutante sobre
espaços adquiridos no sangue e na tela...
Um gesto de pudor deslocado.
Entre o eu e os outros mais outros que eu mas sempre por
cima de uma lua arrebatada de paixão, suor e frio,
lavrando campos infinitos de fogo só seu, com forma de
mulher, de pão, de árvore, de água, de asas, de canto de
aves...
Gestos em jeito de Ricardo Paula.
Algo que revela o que somos. Uma arma. Um instante.
Uma história...
Objectos sem espaço nem tempo.
Gente sem eira nem beira à espera de obcecar. A mulher
em paixão louca de agigantar os olhos à dimensão do
mito.
O jeito que em gestos, em subtil momento de eternidade
fixa-nos em diálogos indizíveis entre a fronteira da arte e
a reprodução de nós...

Alda Cravo-Saúde



Imagine uma obra de arte. Qualquer obra de arte, de
qualquer arte. Pintura, escultura, literatura, cinema,
música. Tente descrevê-la. Se o conseguir totalmente,
pode ter uma certeza - não é Arte; se, pelo contrário, ficar
com a sensação que, por mais que diga ou faça, o
essencial continua inexprimido, então é bastante provável
que esteja perante uma verdadeira obra de Arte, isto é,
uma obra que comunica qualquer coisa de um modo
absolutamente único, impossível de ser traduzido por
qualquer outra forma.

É assim a pintura de Ricardo Paula.
Podem referir-se influências, temas dominantes, técnicas,
cores, escolas; pode descrever-se exposição a exposição,
quadro a quadro, pormenor a pormenor, Podemos-nos
aproximar cada vez mais mas estamos cada vez mais
longe.
Veja, sintá, toque, cheire.
Depois afaste-se.
Consegue descrever?
Consegue esquecer?

Nuno Calado